

Maputo blues

Rita Chaves*

SAÛTE, Nelson. *Maputo blues*. Maputo: Nzila, 2006.

Lançado em dezembro de 2006 em Moçambique, pela Editora Nzila, *Maputo blues*, de Nelson Saúte, é daqueles livros que começa a seduzir pelo belo projeto gráfico, refletindo o cuidado que toda matéria ligada à estética deve guardar. O título, breve e sugestivo, confirma o empenho do autor em assegurar ao leitor aquele momento de suspensão que é próprio da poesia.

Ao abrir as primeiras páginas, podemos observar as pistas por onde nos querem conduzir esses versos que remarcam uma vertical adesão à cidade em que nasceu o poeta e onde tem vivido a maior parte de sua vida. A completar o quadro em que se insere essa poesia declara-se a paixão intensa pela música. Combinação que não surpreende quem conhece essa parte da África Austral e pode facilmente reconhecer que a mágica sonoridade dos ritmos que cruzaram os mares e integraram a música de tantos cantos do planeta impregna corações e mentes e é marca forte na cultura moçambicana. Poetas fundadores como Noémia de Sousa e José Craveirinha demonstraram a energia dessa ligação em poemas como “Deixa passar o meu povo” e “Dó sostenido para Daíco”, para ficarmos só com dois exemplos. Mais um sinal se pode localizar em *Lindemburgo Blues*, de Luís Carlos Patraquim, que está certamente na fonte das águas em que Saúte foi beber.

Inserido em seu tempo, Nelson faz da intertextualidade uma das bases de seu trabalho. Leitor percuciente daqueles que o antecederam, procura trazer para a sua escrita pontos que permitam alimentar um diálogo com a incipiente tradição literária de sua terra. A Noémia, Craveirinha e Patraquim, podemos associar ainda Rui Knopfli, com quem procura partilhar a convicção de que o exercício literário não deve renunciar à dimensão de subjetivismo que tantas vezes se contrapõe aos cantos de uma nacionalidade que certas fases da História ensinam e precisam legitimar. É nesse contexto, que o poeta vai buscar ainda a companhia de Octávio Paz e Jorge Luis Borges.

Também vamos encontrar nessa obra aquela manifestação do lirismo que faz da aventura amorosa o grande tema. Mas que não se espere pela eleição de uma única musa, pois o que o poeta parece defender é a idéia de que fundamental é a experiência do amor. Conservando uma certa retórica do excesso, patente na força da reiteração como recurso estilístico, não é raro encontrarmos a sugestão do caráter obsessivo que o sentimento amoroso alimenta.

Cultor da vida urbana, o poeta concebe uma dicção preocupada com a representação do universo em que se integra. A rapidez e a volatilidade da vida contemporânea estão muito bem trabalhados nos “SMS1” e “SMS2”, por exemplo. É como se ele acreditasse e nos quisesse fazer acreditar que essas novas formas de comunicação não deixam de guardar a possibilidade da magia que é característica do discurso poético.

Nessa atmosfera de misturas, de que a cidade é um bom abrigo, pode-se explicar a coexistência entre a prosa comum de um cotidiano integrado e a sensação dolorosa das tragédias que o mundo vive e a mídia expõe. No centro, muitas vezes, a idéia da morte se eleva e modula a escrita. E quando se afasta do estritamente pessoal, o poema cresce e recupera a tensão que é própria da economia do lirismo, como se pode notar em “A jovem mãe de Beslan” e “Improviso de bombas em Canaã”.

A opção pela intertextualidade que o conduz àqueles diálogos com escritores associados à idéia de universalidade cunhada e reconhecida pelos crivos do Ocidente não implica, todavia, a recusa de certos traços identificados com aquele sentimento de moçambicanidade que foi uma das linhas de força da poesia moçambicana a partir dos anos 50. Os velhos bairros da periferia da cidade serão,

assim, percorridos pelos caminhos da memória que resgata e ressignifica nomes como Xipamanine, Munhuana, Lhanguene, Zambeze, signos que comungam o espaço da lembrança com personagens como Fanny Mubango Mpfumo, Artur Garrido, Alexandre Langa – ícones de um tempo em que se ancora essa ancestralidade que a palavra poética pode construir.

Com esses nomes que evocam a sua terra e o barro de que é feita a sua escrita, Nelson Saúte faz conviver outras referências que interferem na sua formação e ajudam a definir o seu perfil: cruzam os caminhos de sua poética Carlos Drummond de Andrade, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, num diálogo que renova a velha interlocução que os autores moçambicanos procuraram compor com a literatura brasileira desde os anos 50.

A despeito de algum desequilíbrio nas formulações poéticas que propõe, como, aliás, podemos encontrar com alguma freqüência em coletâneas de poemas, *Maputo Blues* é uma notícia importante no cenário da poesia moçambicana. No conjunto de textos ali reunidos, o leitor tem material para se confrontar com questões que, com uma dimensão especial na literatura de Moçambique, não estão ausentes da produção de poetas que têm consciência de seu lugar em espaços identificados como periféricos e, conscientemente, buscam alternativas para escapar ao o seu próprio aprisionamento em campos de exotismo. Eis umas das características mais interessantes da escrita de Nelson Saúte: o desejo de se libertar das limitações restrições que a geografia poderia impor. Habitante de sua história, ele procura articular a marrabenta de Fanny Mpfumo com o jazz de Billie Holiday, procurando potencializar na literatura a sua capacidade de associar as diferenças num projeto que deseja afirmar e superar, a um só tempo, aquilo que ele vê como a tradição cultural de seu país.

Notas

* Professora da Univ. Estácio de Sá, RJ.